



## ELEMENTOS INDICADORES DA MOBILIZAÇÃO DO PENSAMENTO GEOGRÁFICO POR ESTUDANTES DO ENSINO MÉDIO

INDICATOR ELEMENTS OF THE MOBILIZATION OF GEOGRAPHICAL THINKING BY HIGH SCHOOL STUDENTS

ELEMENTOS INDICADORES DE LA MOVILIZACIÓN DEL PENSAMIENTO GEOGRÁFICO POR ESTUDIANTES DE SECUNDARIA

**Daniel Rodrigues Silva Luz Neto**

Universidade de Brasília, Brasília, Distrito Federal, Brasil,  
danieltabuleiro1@gmail.com

**Resumo:** Este trabalho é fruto de reflexões teórico-práticas relacionadas à educação básica sobre a importância dos elementos epistêmicos da Geografia para a análise geográfica. Diante disso, emergiu a seguinte questão problematizadora: em situação prática de experimentação em contexto de sala de aula no Ensino Médio, podem-se identificar elementos indicadores que evidenciam a potencialidade da mobilização do pensamento geográfico dos estudantes do Ensino Médio? Para atingir esse propósito, o trabalho teve como objetivo analisar a mobilização do pensamento geográfico na interpretação de práticas espaciais por estudantes do Ensino Médio em escolas públicas do Gama, no Distrito Federal, em 2021. A metodologia se estrutura na abordagem da pesquisa qualitativa e modalidade participante. Para tanto, realizou-se pesquisa bibliográfica e de campo. Em campo, efetuaram-se ações didático-pedagógicas por meio de uma oficina pedagógica e aplicação de testes com situações-problema. Para análise dos dados, utilizou-se a técnica de análise de conteúdo na identificação de elementos indicadores do pensamento geográfico em frases ou palavras nos posicionamentos dos sujeitos. Os resultados evidenciam que os estudantes, ao serem estimulados por situações-problema, com perguntas geográficas, mobilizaram elementos indicadores do pensamento geográfico – conceitos e princípios lógicos. Portanto, indica-se problematizar os temas/conteúdos com perguntas geográficas orientadas com elementos do pensamento geográfico a fim de propiciar a capacidade intelectual dos estudantes de interpretar a espacialidade da realidade de forma crítica-reflexiva e propositiva.

**Palavras-chave:** práticas espaciais, influências da globalização, mobilização de elementos do pensamento, interpretação crítico-reflexiva, método para o ensino.



**Abstract:** This work is the result of theoretical-practical reflections related to basic education on the importance of the epistemic elements of Geography for geographic analysis. In view of this, the following problematizing question emerged: in a practical situation of experimentation in the context of a high school classroom, can one identify indicator elements that show the potential for mobilizing the geographical thinking of high school students? To achieve this purpose, the work aimed to analyze the mobilization of geographic thinking in the interpretation of spatial practices by high school students in public schools in Gama, in the Federal District, in 2021. The methodology is structured in the approach of qualitative research and modality participant. For that, a bibliographical and field research was carried out. In the field, didactic-pedagogical actions were carried out through a pedagogical workshop and application of tests with problem situations. For data analysis, the content analysis technique was used to identify elements that indicate geographical thinking in phrases or words in the subjects' positions. The results show that students, when stimulated by problem situations, with geographic questions, mobilized elements that indicate geographic thinking – logical concepts and principles. Therefore, it is indicated to problematize the themes/contents with geographic questions oriented with elements of geographic thought in order to provide the students' ability to interpret the spatiality of reality in a critical-reflexive and propositional way.

**Keywords:** spatial practices, influences of globalization, mobilization of thought elements, critical-reflective interpretation, method for teaching.

**Resumen:** Este trabajo es el resultado de reflexiones teórico-prácticas relacionadas con la educación básica sobre la importancia de los elementos epistémicos de la Geografía para el análisis geográfico. Frente a ello, surgió la siguiente pregunta problematizadora: en una situación práctica de experimentación en el contexto de un aula de enseñanza media, ¿se pueden identificar elementos indicadores que muestren potencialidades para movilizar el pensamiento geográfico de los estudiantes de secundaria? Para lograr este propósito, el trabajo tuvo como objetivo analizar la movilización del pensamiento geográfico en la interpretación de las prácticas espaciales de estudiantes de secundaria en escuelas públicas de Gama, en el Distrito Federal, en 2021. La metodología se estructura en el enfoque de investigación cualitativa y participante de la modalidad. Para ello, se realizó una investigación bibliográfica y de campo. En campo se realizaron acciones didáctico-pedagógicas a través de un taller pedagógico y aplicación de pruebas con situaciones problema. Para el análisis de datos, se utilizó la técnica de análisis de contenido para identificar elementos que indican pensamiento geográfico en frases o palabras en las posiciones de los sujetos. Los resultados muestran que los estudiantes, cuando estimulados por situaciones problema, con preguntas geográficas, movilizaron elementos que indican el pensamiento geográfico: conceptos y principios lógicos. Por lo tanto, se indica problematizar los temas/contenidos con cuestiones geográficas orientadas con elementos del pensamiento geográfico a fin de dotar a los estudiantes de la capacidad de interpretar la espacialidad de la realidad de forma crítico-reflexiva y propositiva.

**Palabras-clave:** prácticas espaciales, influencias de la globalización, movilización de elementos de pensamiento, interpretación crítico-reflexiva, método para la enseñanza.

## Introdução

Compreende-se por práticas espaciais um conjunto sistêmico de ações sociais espacialmente localizadas e realizadas por diferentes atores para cumprir necessidades específicas ou coletivas. Tais ações são mediadas por sistemas de instrumentos materiais-simbólicos, que são responsáveis pela produção e organização do espaço geográfico. Ao contextualizá-las, diante da expansão do processo de globalização atual, percebe-se que as práticas espaciais se tornam cada dia mais confusas em virtude das contradições apresentadas.

O mundo aparente é apresentado como igualitário e justo, com ideias difundidas por narrativas de que todos têm acesso às benesses da produção material-imaterial da humanidade, mas na realidade ele é constituído por contradições em que as condições de existência se concentram nas mãos de poucos afortunados. Por outro lado, os atores não hegemônicos, por meio da tomada de consciência e apropriação dos sistemas técnicos, podem produzir outra globalização que seja justa para todos (SANTOS, 2015).

Desse modo, de acordo com o autor supracitado, a globalização contemporânea se manifesta na espacialidade como fábula, como perversidade e como possibilidade. As situações de fabulação são as situações que levam à alienação da realidade; as de perversidade são as próprias contradições da reprodução do sistema social hegemônico; já as de possibilidade remetem-se às potencialidades de transformação socioespacial por meio da apropriação dos sistemas de instrumentos materiais (casas, meios de transportes, redes sanitárias, entre outros) e imateriais (cultura, ciência, costumes, entre outros artefatos).

A compreensão crítica desse contexto por estudantes do Ensino Médio pode ser ampliada por meio da mobilização de elementos teórico-conceituais, como os do pensamento geográfico. Desse modo, a mobilização dos conceitos – espaço, território, lugar, paisagem, região, entre outros – e de princípios lógicos – localização, delimitação, escala, rede, descrição, conexão, entre outros – são instrumentos simbólicos mediadores que potencializam a atividade intelectual dos estudantes para análise e interpretação geográfica dos impactos da globalização nas práticas espaciais na contemporaneidade.

Cabe esclarecer que a delimitação do nosso objeto de estudo – elementos indicadores da mobilização do pensamento geográfico por estudantes do Ensino Médio – se insere na área de pesquisa da Geografia Escolar, que se preocupa com a compreensão dos processos de ensino e aprendizagem, seja na Educação Básica, seja no Ensino Superior. Além disso, enquanto disciplina no currículo da Educação Básica, defende-se que sua função geral é propiciar condições para desenvolver e estimular a mobilização do pensamento geográfico dos

estudantes a fim de que eles realizem a análise geográfica da realidade.

A Educação Básica é organizada em três etapas: Educação Infantil (EI), Ensino Fundamental (EF) e Ensino Médio (EM) (BRASIL, 2017). Os estudantes da 3ª série do EM fazem parte da terceira etapa, na qual os sujeitos envolvidos, previstos pelas normativas, estão na faixa etária entre 16 e 17 anos. Essa etapa de escolarização tem como objetivo aprimorar os conhecimentos adquiridos anteriormente (BRASIL, 1996).

No caso da Geografia, na condição de componente curricular, ela poderá contribuir para ampliar as operações intelectuais dos estudantes pela apropriação e mobilização do pensamento geográfico, que contribui para a formação e atuação para a cidadania. Com os estudantes de escolas públicas no Gama, Distrito Federal (DF), também não é diferente, pois eles já tiveram a possibilidade de acesso ao desenvolvimento de elementos estruturadores do pensamento geográfico, por meio do trabalho pedagógico com os conteúdos escolares, durante todo o processo de escolarização básica. Tais sujeitos podem ser incentivados a mobilizar elementos conceituais do pensamento geográfico como ferramentas simbólicas capazes de mediar a interpretação de práticas espaciais por meio dos conteúdos geográficos trabalhados nas aulas de Geografia, como o clima, a população e a globalização, por exemplo.

Os conceitos são os instrumentos simbólicos mediadores que criam maiores possibilidades para as atividades psicológicas humanas do que as operações mentais não mediadas com esses artefatos culturais, como as atividades praticadas pelos macacos (VYGOTSKY, 2007). Nesse sentido, defende-se que a mobilização de elementos estruturantes do pensamento geográfico, conceitos e princípios lógicos, são instrumentos simbólicos potentes para a interpretação das práticas espaciais de maneira crítico-reflexiva e propositiva.

Este trabalho está relacionado à tese de doutorado do próprio autor, que foi defendida em 30 de maio de 2022, no Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade de Brasília (UnB). Neste artigo, o objetivo é fazer a divulgação de partes dos resultados da pesquisa, que teve a seguinte questão problematizadora: afinal, em situação prática de experimentação em contexto de sala de aula no Ensino Médio, podem-se identificar elementos indicadores que evidenciam a potencialidade da mobilização do pensamento geográfico dos estudantes do Ensino Médio?

Com o intuito de responder a essa questão, objetiva-se analisar elementos indicadores do pensamento geográfico mobilizados para a interpretação de práticas espaciais por estudantes da 3ª série do EM em duas escolas públicas do Gama, no Distrito Federal, em 2021.

Em termos de estrutura, o trabalho está organizado em quatro partes. Na primeira parte, apresenta-se o percurso metodológico da pesquisa; na segunda, discutem-se princípios lógicos da Geografia mobilizados por estudantes na interpretação de práticas espaciais frente à temática globalização; na terceira parte, faz-se a discussão dos conceitos da Geografia mobilizados pelos estudantes na interpretação de práticas espaciais frente à temática globalização; por fim, a quarta parte destina-se às considerações finais.

### **Percurso metodológico**

O percurso metodológico foi sistematizado e operacionalizado em três grandes etapas. A primeira, com pesquisa bibliográfica com três eixos norteadores: práticas espaciais, pensamento geográfico e mobilização de conceitos e princípios da geografia. Na segunda etapa, o trabalho de campo foi realizado em dois momentos por meio de mediações didático-pedagógicas<sup>1</sup>. Na terceira etapa, analisaram-se os dados de acordo com a metodologia de análise de conteúdo.

No primeiro momento da pesquisa de campo, realizou-se a mediação por meio de oficina pedagógica sobre o tema globalização, baseando-se no livro *Por uma Outra globalização*, do geógrafo brasileiro Milton Santos (2015), que teve a intenção de problematizar o conteúdo da globalização com estudantes a fim de promover reflexões conceituais e práticas sobre o tema.

No segundo momento de campo, a mediação foi feita com a aplicação de testes, que tiveram como objetivo coletar argumentos escritos dos alunos para posterior análise. Tais testes foram construídos por meio do conteúdo da globalização com enunciados contendo as linguagens escrita e imagética. A aplicação dos testes ocorreu com estudantes da 3ª série do EM, em duas escolas públicas do Gama- DF, em setembro de 2021 (Figura 1). Participaram dos testes 22 estudantes, sendo 13 na Escola A e 9 na Escola B. Os estudantes tinham, em sua maioria, 17 anos de idade, eram do sexo feminino, da cor/etnia parda, moravam em casa própria e tinham renda familiar entre 1 e 2 salários mínimos.

---

<sup>1</sup> Pesquisa aprovada pelo comitê de ética do Instituto de Ciências Humanas e Sociais da Universidade de Brasília (UnB), CAAE: 48524521.1000.5540, número do parecer: 4.923.781. Acesso à tese na íntegra: <https://www.repositorio.unb.br/handle/10482/44548>. Acesso em: 28 fev. 2023.

Figura 1 - Aplicação dos testes



Fonte: Acervo do pesquisador (2021).

Os testes foram sistematizados de acordo com a escolha metodológica de entendimento da globalização de Santos (2015), como fábula, como perversidade e como possibilidade. Por isso, o Teste 1 correspondeu à globalização como fábula; o Teste 2 correspondeu à globalização como perversidade; e o Teste 3 correspondeu à globalização como possibilidade. Para a resolução desses testes, estimularam-se os estudantes, problematizando o processo de globalização e mobilizando princípios lógicos, que permitiram orientar as operações mentais dos sujeitos mediante perguntas geográficas:

- **Teste 1: globalização como fábula**

1. Onde ocorre a globalização como fábula?
2. Como a globalização como fábula está distribuída no espaço geográfico?
3. Em quais escalas a globalização como fábula pode acontecer?
4. Quais conexões podem ser feitas sobre a globalização como fábula no mundo e na Região Administrativa do Gama-DF?

- **Teste 2: globalização como perversidade**

1. Onde ocorre a globalização como perversidade?
2. Como a globalização como perversidade está distribuída no espaço geográfico?
3. Em quais escalas a globalização pode acontecer?
4. Quais conexões podem ser feitas sobre a globalização como perversidade no mundo e na Região Administrativa do Gama-DF?

- **Teste 3: globalização como possibilidade**

1. Onde ocorre a globalização como possibilidade?
2. Como a globalização como possibilidade está distribuída no espaço geográfico?
3. Em quais escalas a globalização como possibilidade pode acontecer?
4. Quais conexões podem ser feitas sobre a globalização como possibilidade no

*mundo e na Região Administrativa do Gama-DF?*

Na terceira e última etapa, realizou-se a análise dos dados e a discussão dos resultados. Para tanto, operou-se metodologicamente com três procedimentos da metodologia de análise do conteúdo, baseando-se em Bardin (2011), por meio de identificação de códigos, construção da tabulação com os registros das categorizações e tratamento dos resultados, inferência e interpretação.

Em primeiro lugar, identificaram-se os códigos constituintes das categorias (princípios-conceitos geográficos) com base na proposição metodológica para o ensino de Geografia de Moreira (2015a), como sendo elementos constituintes do pensamento geográfico. Em segundo lugar, construiu-se o quadro analítico com categorias mobilizadas pelos alunos em dois eixos: princípios lógicos e conceitos estruturantes.

Para constituir o quadro analítico, selecionaram-se argumentos dos estudantes para compor as categorias pré-selecionadas (conceitos e princípios lógicos da Geografia) para a análise e discussões. Utilizou-se como critério para cada uma das categorias (conceitos e princípios) a escolha metodológica de três argumentos – um no teste 1, um no teste 2, um no teste 3. Neste artigo, cabe destacar que, por motivo de espaço, apresentam-se somente três amostras de cada categoria – três princípios lógicos e três conceitos geográficos.

Em terceiro lugar, realizou-se a discussão dos dados por meio da análise da mobilização dos elementos indicadores do pensamento geográfico pelos estudantes nos seus argumentos em frases ou palavras e nos testes aplicados nas duas instituições de ensino público do Gama-DF. A fundamentação da discussão dos resultados foi feita com base nas teorias escolhidas pelos critérios de categorias prévias – práticas espaciais, pensamento geográfico e mobilização dos elementos indicadores do pensamento geográfico por estudantes do Ensino Médio.

Desse modo, os resultados serão apresentados seguindo uma ordem em duas grandes categorias – a primeira, com os princípios lógicos mobilizados pelos estudantes, e a segunda, com os conceitos geográficos. A seguir serão discutidos os princípios lógicos mobilizados pelos estudantes.

### **Princípios lógicos mobilizados por estudantes de 3ª série do Ensino Médio**

A finalidade desta seção é apresentar indicadores de princípios lógicos mobilizados por estudantes do Ensino Médio na análise geográfica de práticas espaciais na resolução de situações-problema frente à temática globalização.

Os educandos do Ensino Médio conseguiram mobilizar os princípios lógicos da Geografia ao serem estimulados a interpretar práticas espaciais frente à temática globalização, de acordo com as evidências dos elementos indicadores do pensamento geográfico. Tais indicadores foram identificados nas palavras e frases de suas argumentações, das quais são apresentadas três amostras e discutidas a seguir.

- Mobilização do princípio de localização geográfica

A mobilização dos princípios lógicos e dos conceitos na interpretação de práticas espaciais pelos estudantes, por meio do conteúdo globalização, é evidenciada e discutida em consonância com critérios metodológicos em três partes, que constituem a totalidade desse processo histórico-geográfico. A fundamentação para essa escolha metodológica é justificada teoricamente em concordância com Santos (2015). Para o autor, deve-se considerar esse processo como se fossem três mundos em um só: globalização como fábula, como perversidade e como possibilidade.

Dada essa escolha metodológica, foram produzidos três testes com a apropriação da metodologia de ensino de resolução de situações-problema, contemplando essas três partes do movimento da totalidade da globalização para a coleta das informações de campo e discussão dos resultados da pesquisa. Desse modo, o teste 1 contemplou a parte da fábula; o teste 2, a da perversidade; e o teste 3, a da possibilidade. Tais elementos foram discutidos separadamente para fins analíticos com a finalidade de atingir o objetivo da pesquisa. No entanto, entende-se que as partes constituem a dinâmica da totalidade do mundo, que se encontra em movimento, diante do contexto do processo de globalização contemporânea. Assim, a divisão das partes é feita com fins metodológicos e analíticos, mas elas fazem parte da totalidade em movimento.

No teste 1, o estudante 19 mobilizou o princípio da localização como mediador para interpretar as práticas espaciais frente à temática globalização como fábula com o significado de identificar objetos. Para ele, esse processo ocorre “em qualquer lugar do mundo exemplo em um shopping da Itália” (ESTUDANTE 19, 2021). Nessa perspectiva, Moreira (2001) afirma que uma das primeiras fases da construção geográfica da sociedade é a localização, que, por sua vez, leva aos passos seguintes, como saber a extensão, a distribuição e as conexões dos fenômenos.

A mobilização desse princípio pelo Estudante 19 foi importante para que ele entendesse que a fabulação da globalização pode aparecer em qualquer lugar, seja no Brasil ou em um shopping na Itália, como citado por ele. Assim, entende-se que o princípio da



localização é importante para compreender os processos de produção de fabulações, pois elas são criadas, localizadas em algum lugar e expandidas para outros locais. Constatou-se que o Estudante 19 realizou diversos processos cognitivos por meio da operação intelectual com o princípio da localização geográfica.

Entende-se que um princípio geográfico desemboca em muitos processos cognitivos. Logo, ele não fica restrito somente a um determinado processo psíquico, mas, ao contrário, tais operações mentais são dinâmicas e complexas. Além do mais, um pensamento humano não é estruturado somente em um elemento, mas em diversos aspectos, como o biológico, histórico-culturais, bem como os adquiridos por meio do ensino formal.

No teste 2, o Estudante 14 mobilizou o princípio da localização para compreender a globalização como perversidade, apresentando suas contradições. Para o estudante, a globalização pode se realizar “em muitos lugares, principalmente em regiões periféricas, que não obtém muita qualidade de vida para seus integrantes” (ESTUDANTE 14, 2021). Nessa perspectiva, Gomes (2017) afirma que o princípio da localização garante a observação da diversidade espacial, pois onde as coisas estão localizadas, apresentam-se diferentes em relação às outras, em outras localizações.

Constatou-se no argumento do Estudante 14 o elemento indicador da mobilização do pensamento geográfico por meio da operação com o princípio da localização geográfica. O elemento foi fundamental para mediar seus processos cognitivos para que ele localizasse questões relacionadas às injustiças espaciais provocadas pelas desigualdades sociais em localizações geográficas.

O Estudante 14 entendeu que a localização de onde estão as coisas interfere na qualidade de vida como um todo. Em uma área mais central de uma cidade ocorrem determinadas condições diferentes de outra área localizada mais distante do centro. Logo, tal princípio geográfico mostrou-se potente na análise geográfica do Estudante 14.

No teste 3, o Estudante 2 mobilizou o princípio da localização para interpretar as práticas espaciais da globalização como possibilidade. Segundo o discente, a possibilidade pode dar-se “nos projetos que alcancem pessoas menos favorecidas por meio da tecnologia, acesso a esportes, estudos e cursos para a igualdade por meio da educação” (ESTUDANTE 2, 2021). Com relação à possibilidade desse princípio, Moreira (2019) dá destaque à força da localização geográfica sobre os fenômenos espaciais, por meio da constituição dos elementos naturais e sociais para a construção geográfica da sociedade.

O Estudante 2 mobilizou o princípio da localização geográfica para apontar como possibilidade para uma outra globalização. Ele conseguiu localizar nas tecnologias um meio

para construir projetos que possam dar acesso às condições básicas para atender aos atores sociais mais vulneráveis com relação às contradições socioespaciais. Assim como a apropriação dos instrumentos simbólicos, faz-se necessário também a apropriação dos instrumentos materiais – meios de comunicação, transportes, infraestrutura, moradia, entre outros –, pois são recursos fundamentais na mediação para a construção de uma globalização justa.

Assim, por meio da argumentação dos discentes, foi possível detectar elementos indicadores da mobilização do princípio de localização geográfica, pois esse princípio foi um mediador semiótico para a análise geográfica das práticas espaciais frente ao conteúdo da globalização, quando foram estimulados por situações-problema.

Logo, a mobilização do princípio de localização mostrou-se como um instrumento simbólico potente, conforme as evidências dos argumentos dos alunos 2, 14 e 19 e o diálogo com os fundamentos de Gomes (2017), Martins (2016) e Moreira (2001), pois o princípio mediou a condição semiótica de interpretação das práticas espaciais frente à temática globalização.

- Mobilização do princípio de conexão geográfica

10

No teste 1, o Estudante 4 mobilizou o princípio de conexão geográfica como mediador semiótico para interpretar as práticas espaciais frente à temática globalização como fábula com o significado de ver reflexos dos fenômenos mundiais no Gama-DF, lugar onde ele vive. Para ele, “pequenas cidades como o Gama são reflexos da situação mundial. Há 5 anos por exemplo, nós não teríamos uma loja Mc Donalds aqui. Hoje temos, e habitantes consomem diariamente. É o efeito borboleta o qual estamos submetidos” (ESTUDANTE 4, 2021). Nesse sentido, Moreira (2015b) defende a importância da operacionalização com o princípio de conexão na perspectiva de que tudo deve ser visto em suas interligações.

O Estudante 4, ao operar com o princípio da conexão, compreendeu que as práticas espaciais cotidianas mudaram com a instalação da loja da Mcdonald 's. Ele compreendeu essa realidade por meio da conexão entre a chegada da loja e a relação de mudança de comportamento alimentar das pessoas, que, para ele, é um efeito borboleta com transformações e alterações em outros aspectos da vida ao conseguirem produtos alimentícios industrializados.

Compreende-se que o investimento nas grandes empresas globais do ramo alimentício citado pelo Estudante 4 tem consequências que estão conectadas a processos contraditórios.

Além do estímulo a alimentos não saudáveis ofertados pelas grandes empresas para cumprirem metas da competitividade capitalista, podem provocar o fechamento de muitas lojas locais de alimentos. Por exemplo, a loja McDonald's, quando decide fechar, não se preocupa com os danos causados, seja na saúde pública local ou na economia do lugar, já que ela se instala nos lugares com o intuito de ampliar a sua margem de lucro.

No teste 2, o Estudante 14 mobilizou o princípio da conexão geográfica como mediador para compreender as práticas espaciais mediante à globalização como perversidade com o significado de produção de grande quantitativo de sem-teto. Para o estudante, “percebe-se a globalização perversa no Gama-DF nas regiões em que há muitos sem-teto e eles estão distribuídos ao redor de onde tem grande fluxo de pessoas” (ESTUDANTE 14, 2021).

Esse entendimento feito pelo Estudante 14 é uma perspectiva interessante para se analisar práticas espaciais de forma holística, em conformidade com Wulf (2016). Para esse autor, os clássicos, como Humboldt, já operavam com o princípio de conexão, pois os fenômenos isolados eram importantes somente se estivessem em relação com o todo. Sendo assim, o autor supracitado, em sua obra, defende a necessidade de se pensar de maneira holística ao considerar os componentes geográficos de modo inter-relacionados.

O Estudante 14 estabeleceu uma relação entre a perversidade produzida pela globalização e as consequências nas práticas espaciais na configuração da realidade ao afirmar sobre a produção do espaço geográfico das pessoas sem-teto. Assim, ao conectar essas relações, ele conseguiu potencializar suas interpretações sobre essas práticas espaciais e as contradições da globalização capitalista ao operar com o princípio da conexão. Desse modo, esse princípio possibilitou a ampliação de seus processos cognitivos analíticos.

No teste 3, o Estudante 14 mobilizou o princípio da conexão geográfica como mediador para interpretar as práticas espaciais frente à temática globalização como possibilidade com o significado de tentativa de busca por igualdade social. De acordo com ele, “as conexões podem ser estabelecidas usando de recursos que colaboram para o aperfeiçoamento de suprir as necessidades de quem mais precisa” (ESTUDANTE 14, 2021). Em consonância com o estudante, Moreira (2012) afirma que os recursos naturais e sociais devem ser considerados em tipos de análises que levem em consideração o princípio da conexão, pois tudo está relacionado, tanto os fenômenos naturais quanto os sociais.

O Estudante 14 conseguiu mobilizar o princípio da conexão para interpretar as práticas espaciais frente à influência da globalização ao identificar possibilidades para construir outra forma de globalização por meio da distribuição dos recursos para as pessoas que mais

precisam.

Logo, evidenciou-se que a mobilização do princípio de conexão geográfica foi um instrumento simbólico potente para a interpretação das práticas espaciais diante da temática globalização pelos estudantes 4 e 14 e em conformidade teórica com Moreira (2012, 2015b) e Wulf (2016).

- Mobilização do princípio de Rede geográfica

No teste 1, o Estudante 8 mobilizou o princípio de rede geográfica como mediador semiótico para entender as práticas espaciais frente à globalização como fábula, com o significado de meio de conexão de fluxo. Para ele, a globalização como fábula “ocorre nas propagandas, elas são usadas como meio para divulgar algo” (ESTUDANTE 8, 2021).

O uso de redes sociais como meio para promover o fluxo é também defendido por Corrêa (2012) como um conjunto de elementos localizados espacialmente articulados por meio de redes fluviais, hidrelétricas, estradas, rede urbana, rede bancária e comunicação. Essa última, no contexto de fabulação, tem o papel intencional de propagar as narrativas hegemônicas.

O Estudante 8, ao argumentar sobre a ideia da divulgação da globalização como fábula por meio das propagandas, mobilizou o princípio de rede geográfica. Assim, entende-se que, para o estudante, compreender essa ação mediada das redes de comunicação foi central para ele ter mobilizado esse mediador simbólico para a interpretação das práticas espaciais, pois as propagandas são operacionalizadas por redes tecnológicas, as quais permitem criar o imaginário de uma única forma de mundo, sem contradição, homogênea e acessível a todos.

No teste 2, o Estudante 7 mobilizou o princípio de rede geográfica como mediador para interpretar as práticas espaciais frente à temática globalização como perversidade, com o significado de desigualdade na rede tecnológica da informação. Para o estudante, a globalização como perversidade ocorre quando “a maioria dos alunos não têm acesso à internet e outras coisas” (ESTUDANTE 7, 2021). Nesse sentido de contradição de acesso a redes compreendida pelo estudante, Dias (2012) afirma que a rede é considerada um instrumento de poder para se estabelecer conexões, mas pode ter papel dúbio. De um lado, a rede pode promover inclusão; de outro, pode excluir.

O Estudante 7 mobilizou o princípio de rede geográfica ao compreender que nas práticas espaciais a maioria dos sujeitos não tem acesso às redes tecnológicas, como a internet. Nesse sentido, entende-se que foi primordial para o estudante apropriar-se desse

princípio geográfico, pois a tomada de consciência das contradições da globalização é fundamental para a construção de outros projetos que busquem a emancipação dos atores sociais.

No teste 3, o Estudante 1 mobilizou o princípio de rede geográfica como mediador para apreender as práticas espaciais mediante à temática globalização como possibilidade, com o significado de estabelecer conexões entre os lugares. De acordo com ele, para a construção da globalização como possibilidade, “a tecnologia pode ser uma das principais conexões, ajudando a população do Gama e do resto do mundo” (ESTUDANTE 1, 2021). Com relação à importância da tecnologia, Castells (1999) afirma que a organização da sociedade em rede é fruto principalmente das tecnologias da informação, que permitiu que a economia de todo o planeta passasse a ser interdependente, principalmente a partir do fim do Século XX.

O Estudante 1 mobilizou o princípio de rede geográfica ao indicar a possibilidade diante da globalização atual. Compreende-se que essa compreensão aponta para o papel das tecnologias como elos que estabelecem conexões entre os lugares, inclusive, entre o Gama-DF e os demais territórios do Brasil e do mundo.

Compreende-se que essas possibilidades tecnológicas indicadas pelo Estudante 1 são essenciais, pois, segundo Santos (2014), hoje se vive o meio técnico-científico-informacional, em que as ferramentas técnicas dão fluidez às dinâmicas territoriais. Desse modo, as alternativas de construção de projetos alternativos devem incluir apropriação de meios técnicos, como o informacional, os transportes e as bases estruturais (energia, construção civil, engenharias, entre outras). Essas redes são centrais para as estratégias de produção e organização geográfica das sociedades.

Evidenciou-se que a mobilização do princípio de rede geográfica foi um instrumento simbólico potente para a interpretação das práticas espaciais diante da temática globalização pelos estudantes 1, 7 e 8 e em conformidade teórica com Corrêa (2012) e Castells (1999).

Constatou-se também que a ação didático-pedagógica, via problematização do conteúdo, com perguntas geográficas estruturadas nos princípios lógicos foram bases orientadoras para a análise geográfica dos escolares porque propiciaram as ações mentais dos estudantes, tanto com outros princípios quanto com conceitos geográficos, os quais serão analisados e discutidos na próxima seção.

### Conceitos da Geografia mobilizados por estudantes do Ensino Médio

Nesta segunda parte, objetiva-se indicar conceitos da Geografia mobilizados na análise geográfica das práticas espaciais pelos estudantes do Ensino Médio na resolução de situações-problema. A produção dessas informações ocorreu por meio de estímulo com três testes feitos com os estudantes de 3ª série do EM, em duas escolas públicas do Gama-DF, em 2021.

Evidenciou-se que os estudantes do Ensino Médio mobilizaram os conceitos da Geografia ao serem estimulados a interpretar práticas espaciais frente à temática globalização, conforme os elementos indicadores estruturantes do pensamento geográfico identificados nas palavras e frases em seus posicionamentos de forma escrita, dos quais serão apresentadas três amostras nos tópicos seguintes.

- Mobilização do conceito de Espaço geográfico

No teste 1, o Estudante 10 mobilizou o conceito do espaço geográfico como mediador semiótico para interpretar as práticas espaciais frente à temática globalização como fábula, com o significado de totalidade-mundo. Para ele, a globalização como fábula “ocorre no mundo inteiro” (ESTUDANTE 10, 2021).

Esse entendimento do Estudante 10 está em consonância com Santos (2014), no sentido de que os fenômenos espaciais devem ser considerados em sua totalidade. A totalidade-mundo é um processo que está sempre em movimento e é incompleta porque sempre está em busca de se totalizar. Assim, para o autor, o espaço é a especificidade do todo social, um aspecto particular da totalidade, o todo só pode ser conhecido pelo conhecimento das partes e das partes pelo todo.

Entende-se que o Estudante 10 mobilizou o conceito de espaço geográfico para analisar ações presentes da globalização como fábula, pois ele compreendeu que tais processos podem ocorrer em várias partes do mundo. Logo, ele conseguiu apreender que as influências da globalização nas práticas espaciais podem ocorrer no movimento da totalidade-mundo.

No teste 2, o Estudante 21 mobilizou o conceito de espaço geográfico como mediador para interpretar as práticas espaciais mediante o conteúdo da globalização como perversidade com o significado de vivência, percepção e concepção de contradições nas práticas espaciais cotidianas dos grupos sociais. Esse estudante dá um exemplo da globalização como perversidade ao argumentar que “temos um grande exemplo na rodoviária, aonde podemos ver varios sem teto sobrevivendo em situações desumanas” (ESTUDANTE 21, 2021).

Nessa concepção do estudante, Lefebvre (2006) defende que as práticas espaciais podem ser interpretadas nas dimensões do percebido, do concebido e do vivido. A primeira dimensão diz respeito aos espaços vividos, isto é, são as experiências dos sujeitos nas práticas espaciais cotidianas. O espaço percebido é a base prática para exercitar a percepção do mundo exterior, e é também uma representação intelectual na mente humana sobre as dimensões espaciais das ações dos sujeitos muito próxima da apreensão da cientificidade. Entende-se que essa forma de apreensão é um modo de pensar por conceitos porque os sujeitos acionam intelectualmente os elementos simbólicos mais sofisticados pela cultura humana.

Evidenciou-se que o Estudante 21 mobilizou o conceito de espaço geográfico nas dimensões do percebido porque ele, ao passar por pessoas na rodoviária do Gama, vivendo em situação de rua, conseguiu lembrar-se dessa experiência e citá-la como exemplo. Ele também conseguiu conceber o espaço intelectualmente porque interpretou as contradições de pessoas que vivem em condições desumanas, além de vivenciar essas experiências ao se locomover pela rodoviária diariamente na Região Administrativa (RA) do Gama-DF.

No teste 3, o Estudante 18 mobilizou o conceito do espaço geográfico como mediador simbólico para compreender práticas espaciais diante da temática globalização como possibilidade com o significado de instrumento de ações com objetos para transformar a realidade. De acordo com o estudante, a globalização como possibilidade ocorre “através de meio sociais, a internet tem facilitado tudo isso” (ESTUDANTE 18, 2021).

Em concordância com essa afirmativa de que os meios técnicos são intermediadores, Santos (2013) afirma que os sistemas de objetos são intermédios da relação humana nos meios geográficos, em especial, no meio contemporâneo técnico-científico-informacional, que é a base do mundo globalizado atual. Os instrumentos técnicos são as bases nas quais se sustentam as ações humanas para a realização da fluidez dos processos exigidos por comandos exógenos, objetivados nos lugares e corpos.

O Estudante 18 mobilizou a dimensão do conceito de espaço geográfico porque ele percebeu que os instrumentos materiais são meios sociais que criam possibilidades de construção de outra globalização. Assim, a internet como objeto social pode ser usada para produzir possibilidades, como divulgar ações por justiça espacial (ambiental, raça, gênero, moradia, contra qualquer tipo de violência, entre outros). Sendo assim, essa perspectiva aproxima-se também da visão de Massey (2015) de que o espaço é aberto, um campo de coexistências e possibilidades sempre em estado de construção, um porvir.

Assim como diz o Estudante 18, para Santos (2013) e Massey (2015), outra globalização é possível a partir da apropriação dos meios técnicos para produzir outras

espacialidades, logo outras organizações geográficas da sociedade. Ao vermos pessoas em situações de pobreza (na rua, passando fome) ou de condições de preconceitos (étnico-raciais, gênero, sexualidade, origem regional), deve-se compreender que as mudanças podem ocorrer por meio da tomada de consciência e de criações de ações coletivas para transformá-las. Essa possibilidade pode ser exemplificada, entre tantos outros exemplos, com o ato simbólico da entrega da faixa presidencial para o 39.º presidente do Brasil, Luiz Inácio Lula da Silva, no dia primeiro de janeiro de 2023, feita por diferentes atores da sociedade.

Na análise dos dados, evidenciaram-se aspectos indicadores da mobilização do conceito de espaço geográfico como um instrumento simbólico potente para a interpretação das práticas espaciais frente à temática globalização pelos Estudantes 10, 18 e 21 e em conformidade teórica com Lefebvre (2006), Massey (2015) e Santos (2014, 2013).

- Mobilização do conceito de território geográfico

No teste 1, o Estudante 4 mobilizou o conceito de território como mediador para compreender as práticas espaciais diante da globalização como fábula com o significado de ações intencionais para promover mudanças. De acordo com seu argumento, a globalização como fábula se manifesta “nas mudanças e fatos presentes na sociedade atual que relacionam uma mudança para melhor com medidas originadas intencionalmente ou que já foram influenciadas por outros países. Desde a moda, serviços de *streaming* até o novo ensino médio” (ESTUDANTE 4, 2021).

Nessa perspectiva do Estudante 4, Santos (2015) ratifica a concepção de que as ações dos atores na narrativa da globalização como fábula são intencionais e construídas por escolhas. E em outra oportunidade, Santos (1997) afirma que as narrativas por meio da informação divulgada pelas mídias são fabricadas porque elas têm uma intencionalidade fabril que direciona o que vai ser importante e não importante para ser consumido pela sociedade.

O autor supracitado dá exemplos ao afirmar que os livros conhecidos como *bestsellers* têm uma fabricação que direcionam ações de *marketing*, que usam as mídias para divulgação. Outro exemplo são as escolhas das notícias, que geralmente são sempre as mesmas, os mesmos temas, porque muitas empresas midiáticas prestam serviços para as grandes corporações. Por isso, pode-se apreender os motivos pelos quais não se veem tantas notícias sobre o trabalho escravo, salários muito baixos, impactos socioambientais promovidos por grandes empresas, bem como as questões relacionadas aos ataques aos aspectos da diversidade étnico-racial, sexualidade, gênero e a necessidade de políticas públicas para a



inclusão de pessoas com deficiência.

Compreende-se que a mídia e o *marketing* são usados em sua maior parte como meios para se construir uma fabulação da globalização de que todos têm acesso aos benefícios da produção em escala globalizada de modo competitivo. Ou seja, uma fábula, pois se vende a ideia de que todas as condições materiais propagadas na mídia e no *marketing* relacionadas a roupas, carros, joias, casas e viagens de luxo fossem acessíveis a todos, e não o são, por isso, uma fábula.

O Estudante 4 mobilizou o conceito de território no sentido de entender que as práticas espaciais têm suas intencionalidades e escolhas. Isso induz tanto outros territórios como outros países. Assim, uma escolha no Brasil pode ter o poder de influenciar a dinâmica de outro país no processo da globalização atual, dentro de sua proporção, como citado no exemplo de serviços de *streaming* (serviços que permitem transmissão de conteúdos via internet). Ao se escolher um serviço de *streaming* de um país, isso pode impactar na dinâmica não somente econômica, mas também cultural, com documentários, séries, filmes com conteúdos organizados e escolhas feitas por atores externos ao país.

No teste 2, o Estudante 7 mobilizou o conceito de território como mediador para interpretar as práticas espaciais mediante a temática globalização como perversidade com o significado político. Para o estudante, a globalização perversa aparece assim: “na política envolve desemprego” (ESTUDANTE 7, 2021). O estudante mobilizou o conceito de território na dimensão política, que é uma das dimensões compreendidas por Haesbaert (2014), para quem o conceito de território corresponde aos aspectos de domínios econômicos, funcionais, simbólicos e políticos.

Entende-se que o Estudante 7 mobilizou o conceito de território ao compreender que a globalização perversa é uma construção política que produz, entre seus impactos contraditórios, a geração de desemprego. Isso porque a concentração da renda por poucos grupos econômicos e a redução de mão de obra com o uso de tecnologia faz com que se crie cada vez mais um exército industrial de reserva de trabalhadores em busca de emprego.

No teste 3, o Estudante 13 mobilizou o conceito de território como mediador para a análise geográfica das práticas espaciais diante da temática globalização como possibilidade, com o significado de apropriação de instrumentos técnicos como poder de transformação social. De acordo com ele, a globalização como possibilidade pode acontecer por meio da “apropriação das tecnologias digitais (redes sociais, celulares, câmeras, outras) pelos sujeitos menos favorecidos é uma possibilidade de construção de uma outra globalização voltada para igualdade de vida” (ESTUDANTE 13, 2021).

Em aproximação com o argumento do Estudante 13, Santos (2015) afirma que outra globalização é possível, porque além das ordens verticais dos atores hegemônicos, há a produção de relações horizontais que ocorrem nos espaços banais, as redes de solidariedades. Para o autor, a apropriação dos objetos técnicos pode ser usada para construir ações territoriais na construção de outra globalização a partir das necessidades do território usado.

Compreende-se que o Estudante 13 mobilizou o conceito de território para entender a globalização como possibilidade, ao trazer aspectos relacionados à apropriação das tecnologias para promover ações em prol da igualdade social nos territórios.

Evidenciou-se que a mobilização do conceito de território geográfico foi um instrumento simbólico potente para mediar a interpretação das ações espaciais frente à temática globalização pelos estudantes 4, 7 e 13 e em conformidade teórica com Haesbaert (2014) e Santos (2015).

- Mobilização do conceito de lugar

No teste 1, o Estudante 20 mobilizou o conceito de lugar como mediador semiótico para compreender as práticas espaciais diante da globalização como fábula com o significado de diversidade de locais. Para ele, “a globalização como fábula ocorre em qualquer lugar. Desde a nossa casa até na rua” (ESTUDANTE 20, 2021).

Nessa mesma compreensão do Estudante 20, que a globalização como influência pode ocorrer em lugares diversos, desde a sua casa, Santos (2015) entende que operar com o conceito de lugar significa compreender que ele exerce um papel revelador sobre a realidade em sua totalidade, pois os pontos das verticalidades (ações hegemônicas) e das horizontalidades (ações não-hegemônicas) revelam muito sobre o mundo no meio geográfico atual.

Santos (2015) afirma ainda que a globalização por meio de forças de comando exerce o poderio político-econômico e cultural nos lugares e nas pessoas, mas ao mesmo tempo deve-se reconhecer a existência da heterogeneidade dos fenômenos e da resistência dos lugares, pois são espaços do acontecer solidário.

Evidenciou-se, assim, que o Estudante 20 mobilizou o conceito de lugar para analisar geograficamente as ações espaciais mediante a globalização como fábula. Ele analisou as situações-problema e compreendeu que as ações da dinâmica da globalização afetam os sujeitos desde as suas moradias, bem como as ruas que circundam suas residências. Assim, operar com o conceito de lugar lhe permitiu entender que, de alguma forma, a globalização

influi na vida cotidiana, nas dimensões materiais e imateriais.

No teste 2, o Estudante 16 mobilizou o conceito de lugar geográfico como mediador para interpretar as práticas espaciais face à temática globalização como perversidade com o significado de contradições na cidade do Gama, onde ele mora. Para o estudante, a globalização perversa ocorre no Gama-DF “existe muita desigualdade social e desobrigados nas ruas” (ESTUDANTE 16, 2021).

Em consonância com essa compreensão do Estudante 16, Moreira (2012) entende o conceito de lugar a partir do nexos estruturante entre as ações verticais e as horizontais que formam uma tensão entre os lugares dos homens rápidos e dos lentos. Nessa relação, na perspectiva de Santos (2014), no mundo globalizado, os lugares são selecionados para a concretização de alguns projetos e, de outros, são excluídos, fato que reproduz as desigualdades socioespaciais.

Entende-se que o Estudante 16 mobilizou o conceito de lugar como instrumento potente para interpretar as contradições nas práticas espaciais, pois sua atividade intelectual com o pensamento geográfico lhe possibilitou a observação do lugar onde reside, no Gama. Um indicativo disso é que o Estudante compreendeu que o Gama é seu lugar na dinâmica da totalidade em movimento e que há muitas desigualdades sociais, que isso é um dos elementos promotores que fazem com que as pessoas vivam na rua. Assim, a operação intelectual com esse conceito fez com que ele potencializasse essa interpretação geográfica da dimensão espacial da realidade.

No teste 3, o Estudante 14 mobilizou o conceito de lugar como mediador semiótico para interpretar as práticas espaciais perante a globalização como possibilidade com o significado de apropriação de instrumentos materiais-simbólicos. De acordo com ele, a globalização como possibilidade acontece “em todos os lugares, principalmente em localidades onde há um grande incentivo na educação e no avanço tecnológico” (ESTUDANTE 14, 2021).

Em concordância com a interpretação do Estudante 14, sobre a possibilidade de alternativas de outra globalização pelo lugar por meio da apropriação das ferramentas técnicas, Santos (2014) também acredita na força do lugar, pois, para ele, o lugar é a sede da resistência, da possibilidade de construção de outra globalização que seja justa para todos. Isso porque, segundo Santos (2015), as bases materiais da globalização atual são os sistemas de objetos técnicos, sendo esses sistemas de objetos mediadores materiais para a circulação do grande capital na lógica da globalização perversa que produz a precariedade nos lugares e em seus atores.

Por outro lado, as novas técnicas podem ser usadas para outros objetivos (SANTOS, 2015). Desse modo, o autor defende que esses sistemas de objetos podem ser utilizados para outros fundamentos políticos e sociais; logo, para uma outra globalização com justiça espacial. Assim como defende Soja (2010), concorda-se com a argumentação do autor de que a aquisição dos instrumentos, sejam materiais ou culturais, é uma grande possibilidade para construir outras alternativas de sociedade emancipada e igualitária, na medida em que todos os sujeitos possam ter acesso aos bens produzidos historicamente pela humanidade.

Evidenciou-se no argumento do Estudante 14 que ele mobilizou o conceito de lugar para interpretar as práticas espaciais ao entender a existência de possibilidades de produção de outra globalização justa e que atenda aos anseios da coletividade. Isso ratifica que o conceito de lugar foi potente para a análise geográfica e, por conseguinte, para a interpretação geográfica da espacialidade da realidade.

Portanto, o trabalho atingiu seu objetivo de identificar e apresentar evidências de elementos indicadores do pensamento geográfico mobilizados por estudantes do Ensino Médio em seus argumentos (frases/palavras). Tais evidências documentais, em diálogo com os fundamentos teóricos, confirmaram que a mobilização de elementos estruturantes do pensamento, conceitos e princípios, são instrumentos simbólicos potentes para a interpretação das práticas espaciais de forma reflexiva e propositiva.

20

### **Considerações finais**

O artigo buscou analisar elementos que evidenciam a mobilização dos conceitos e princípios por estudantes do Ensino Médio na interpretação de práticas espaciais. Com o intuito de atingir esse propósito, foi realizada pesquisa bibliográfica e de campo. Em campo, entrevistou-se pedagogicamente na coleta de dados, efetuou-se uma oficina pedagógica sobre o tema globalização baseada em Santos (2015) e a aplicação de testes com situações-problema junto aos estudantes de Ensino Médio.

As situações-problema foram planejadas intencionalmente para concretizar metas da pesquisa, sendo fatores essenciais para obtenção dos resultados, porque orientou as ações mentais dos estudantes na resolução de problemas relacionados às práticas socioespaciais, frente ao conteúdo da globalização. Sendo assim, constatou-se a relevância de a mediação didático-pedagógica ser intencional e direcionada pelo docente para que se desenvolva e se estimule a mobilização do pensamento geográfico do estudante. Caso contrário, isso pode limitar o desenvolvimento, bem como as ações mentais via operacionalização com o

pensamento geográfico ou até mesmo deixar de acontecer, já que os seres humanos precisam criar e fazer a aquisição das ferramentas simbólicas para operar mediadas por elas.

Na aplicação dos testes, ao serem estimulados em situações de laboratório criadas pelo pesquisador por meio do conteúdo globalização a resolverem situações-problema, os estudantes foram capazes de interpretar práticas espaciais de forma crítico-reflexiva ao mobilizar elementos do pensamento geográfico. Essas situações de laboratório criadas pelo pesquisador foram experimentais e potencializaram a mobilização do pensamento geográfico dos estudantes.

Evidenciou-se a mobilização de princípios lógicos (localização, delimitação, conexão, extensão, rede, escala, posição) e conceitos (espaço, território, paisagem, lugar, região). Esses elementos foram instrumentos simbólicos que permitiram a instrumentalização semiótica dos estudantes para a interpretação das práticas espaciais de modo potente. Isso porque os elementos do pensamento geográfico propiciaram a realização de múltiplos processos cognitivos, como identificar, analisar e interpretar práticas espaciais na resolução de situações-problema mediante as influências da globalização contemporânea.

Constatou-se, nas argumentações dos estudantes, que, ao se mobilizar um elemento do pensamento geográfico, outros elementos são acionados. Assim, pode-se afirmar que os elementos do pensamento geográfico não são mobilizados de maneira isolada, mas em redes de sistemas conceituais – princípio, princípio-princípio, princípio-conceito; conceito, conceito-princípio, conceito-conceito; entre outros conceitos e princípios para além da escolha metodológica desta pesquisa.

Portanto, constatou-se que os estudantes do Ensino Médio mobilizaram conceitos-princípios, elementos estruturantes do pensamento geográfico, como instrumentos simbólicos potentes para a interpretação das práticas espaciais de forma crítico-reflexiva e propositiva. Por isso, indica-se mediar a relação didático-pedagógica dos conteúdos/temas estimulando-os à mobilização dos conceitos e princípios lógicos como método para o ensino de Geografia, porque esses elementos ampliam a capacidade de compreensão e a ação diante de práticas espaciais de forma crítico-reflexiva e propositiva.

## **Referências**

BARDIN, Laurence. *A análise de conteúdo*. Tradução Luís Antero Neto e Augusto Pinheiro. São Paulo: Edições 70, 2011.

BRASIL. Presidência da República. *Lei 9.394/96, de 20 de dezembro de 1996, estabelece 204 as diretrizes e bases da Educação Nacional*. Brasília- DF, 1996. Disponível em:

[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/LEIS/L9394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L9394.htm). Acesso em: 06 jan. 2023.

BRASIL. Ministério da Educação. Brasília. *Base Nacional Comum Curricular: Ensino Médio*. Secretaria de Educação Básica. Brasília: MEC/SEB, 2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/abase/#introducao>. Acesso em: 06 jan. 2023.

CASTELLS, Manuel. *A sociedade em rede*. Tradução de Roneide Venâncio Majer. 8. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CORRÊA, Roberto Lobato. Redes geográficas: reflexões sobre um tema persistente. *Revista Cidades*. v. 9, n. 16, 2012. Disponível em: <https://periodicos.uffs.edu.br/index.php/cidades/article/view/12033/7730>. Acesso em: 6 out. 2021.

DIAS, Leila Christina. Redes: emergências e organização. In: CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo César da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato (org.). *Geografia: conceitos e temas*. 15. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012. p. 141-164.

GOMES, Paulo César da Costa. *Quadros geográficos: uma forma de ver, uma forma de pensar*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2017.

HAESBAERT, Rogério. *Viver no limite: território e multi/transterritorialidade em tempos de in-segurança e contenção*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2014.

LEFEBVRE, Henri. *A produção do espaço*. Trad. Doralice Barros Pereira e Sérgio Martins (do original: *La production de l'espace*). 4. ed. Paris: Éditions Anthropos, 2006.

22

MARTINS, Elvio Rodrigues. O pensamento geográfico é geografia em pensamento? *GEOgraphia*. Rio de Janeiro. v. 18, n. 37, p. 61-79, 2016. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/geographia/article/view/13758/8958>. Acesso em: 16 jan. 2022.

MASSEY, Doreen. *Pelo espaço: uma nova política da espacialidade*. Trad. Hilda Pareto Maciel e Rogério Haesbaert. 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2015.

MOREIRA, Ruy. As categorias espaciais da construção geográfica das sociedades. *GEOgraphia*. Rio de Janeiro, v. 3, n. 5, p. 15-32, 2001. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/geographia/article/view/13397/8597>. Acesso em: 1 set. 2021.

MOREIRA, Ruy. *Para onde vai o pensamento geográfico? Por uma epistemologia crítica*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2012.

MOREIRA, Ruy. *Pensar e ser em geografia: ensaios de história, epistemologia e ontologia do espaço geográfico*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2015a.

MOREIRA, Ruy. *O pensamento geográfico brasileiro: as matrizes originárias*. São Paulo: contexto, 2015b.

MOREIRA, Ruy. *Espaço, corpo do tempo: a construção geográfica da sociedade*. Rio de Janeiro: Consequência, 2019.

SANTOS, Milton. *Um dos maiores geógrafos brasileiros disserta sobre globalização e o papel do intelectual na política nacional*. Youtube. 1h26m23s. TV Cultura, 1997. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=xPfkIR34law>. Acesso em: 7 fev. 2022.

SANTOS, Milton. *Técnica, espaço, tempo: globalização e meio técnico-científico-informacional*. 5. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2013.

SANTOS, Milton. *A natureza do espaço: técnica e tempo. Razão e emoção*. 4 ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2014.

SANTOS, Milton. *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal*. 25. ed. Rio de Janeiro: Record, 2015.

SOJA, Edward W. *Seeking spatial justice*. London: University of Minnesota Press, 2010.

VYGOTSKY, Lev Semenovich. *A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores*. Tradução de José Cipolla Neto, Luís Silveira Menna Barreto, Solange Castro Afeche. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007. p. 3-20.

WULF, Andrea. *A invenção da natureza: a vida e as descobertas de Alexander Von Humboldt*. Trad. Renato Marques. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2016.

---

Daniel Rodrigues Silva Luz Neto

23

Doutor e mestre em Geografia pela Universidade de Brasília (UnB), Graduado em Geografia pela Universidade Estadual do Ceará (UECE), 2ª Graduação em Pedagogia, Especialista em Gestão Educacional. Atuação profissional: Professor da Educação Básica de 2008 a 2022, tutor na Universidade Aberta do Brasil (UAB- UnB) desde 2020 e professor substituto no Departamento de Geografia da Universidade de Brasília de 2022 até a presente data. Grupos de pesquisa: É membro do Grupo de Pesquisa, Ensino, Aprendizagem e Formação de Professores de Geografia (GEAF/UnB); dos Grupos de Trabalhos (GTs): Fundamentos Teóricos e Ensino de Geografia e GT Temas e Conteúdos no Ensino de Geografia, ambos da Universidade Federal de Goiás; Grupo Investigadores Iberoamericanos en Educación Geográfica (IEEG). Áreas de pesquisa: ensino de Geografia e Geografia Humana.

Endereço Profissional: Campus universitário Darcy Ribeiro, Instituto de Ciências Humanas, Departamento de Geografia, Brasília DF/ CEP: 70.910-900.

E-mail: [danieltabuleiro1@gmail.com](mailto:danieltabuleiro1@gmail.com)

---

Recebido para publicação em 06 de janeiro de 2023.  
Aprovado para publicação em 25 de fevereiro de 2023.  
Publicado em 02 de março de 2023.